



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
Licenciatura Plena em Letras

REFLEXÕES SOBRE ANÁLISES DE LEITURA EM SALA DE AULA

Thaís Ribeiro Casado

Guarabira
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

C334r

Casado, Thaís Ribeiro

Reflexões sobre análises de leitura em sala de
aula [manuscrito] / Thaís Ribeiro Casado. – 2012.
16f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Wanilda Lima Vidal
de Lacerda, Departamento de Letras”.

1. Leitura 2. Ensino Fundamental 3. Sala de
Aula I. Título.

21. ed. CDD 372.4

Thaís Ribeiro Casado

REFLEXÕES SOBRE ANÁLISES DE LEITURA EM SALA DE AULA

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras da Universidade Estadual
da Paraíba - UEPB, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Artigo defendido e aprovado em: 20/11/2012

BANCA EXAMINADORA

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof^a Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda (Orientadora) - UEPB
CPF: 025071614-34

Marilene Carlos do Vale Melo

Prof^a Dra. Marilene Carlos do Vale Melo (Examinadora) - UEPB
CPF: 070852904-63

José Haroldo Nazaré Queiroga

Prof^o Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga (Examinador) - UEPB
CPF: 083936684-04

Guarabira

2012

Guarabira

2012

Thaís Ribeiro Casado

REFLEXÕES SOBRE ANÁLISES DE LEITURA EM SALA DE AULA

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Artigo defendido e aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda (Orientadora) - UEPB

Profª Dra. Marilene Carlos do Vale Melo (Examinadora) - UEPB

ProfºMs. José Haroldo Nazaré Queiroga (Examinador)- UEPB

Guarabira
2012

REFLEXÕES SOBRE ANÁLISES DE LEITURA EM SALA DE AULA

RESUMO

Este artigo enfoca uma experiência de leitura em uma sala de aula do 3º ano do Ensino Fundamental, onde observamos e analisamos a forma de abordagem dos textos, a interação dos alunos com o texto e a aceitação do modo como a leitura foi trabalhada em sala de aula à luz do que aprendemos em aulas de Leitura e Produção Textual, Prática Pedagógica e Estágio Supervisionado durante a Graduação. Na Introdução, apresentamos os objetivos que nos levaram a fazer as observações e como este trabalho é constituído, isto é, as partes que contém. No segundo item, abordamos alguns aspectos teóricos da leitura que foram subjacentes às observações. No item três, relatamos a respeito das observações, com alguns comentários sobre o que foi observado. No último item, as nossas considerações finais, reflexões e o aprendizado construído mediante o que foi analisado. Assim, ficou-se com a certeza da importância de se trabalhar com a leitura, de vencer a resistência de algumas crianças em relação a ela e de quanto os contatos dessa natureza propiciam a descoberta de um novo mundo, motivando, estimulando, formando o futuro leitor para o hábito tão prazeroso e fundamental que é o da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade de Leitura. Leitor. Observação. Análise.

1. INTRODUÇÃO

O desejo de trabalhar profissionalmente com crianças levou-me a considerar melhor a necessidade de conhecer a realidade da docência com alunos da faixa etária infantil. Ao mesmo tempo, sabendo da importância da prática da leitura, resolvi observar e analisar aulas de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Fundamental, mais especificamente três momentos de leitura realizados pela Professora Juliane Costa, da Escola Instituto do Saber, localizada à Rua Cônego José Dias, nº 250, Centro, Mari – PB. Era uma forma não só de ver na prática alguns

conhecimentos adquiridos na Graduação em Letras, como também aprender um pouco mais sobre o manejo em sala de aula com crianças.

O presente artigo tem o propósito de relatar essa experiência com a leitura em sala de aula, a importância dessa prática, inclusive para a minha formação de futura docente, refletir sobre ela e tentar mostrar os benefícios adquiridos com a leitura partindo do conhecimento de que a mesma é fundamentalmente para o processo de compreender o significado da linguagem escrita e a contribuição que ela traz àqueles que sabem desfrutá-la; bem como, em uma visão crítica, apontar o que poderia ter sido mais bem desenvolvido.

Os aspectos observados basearam-se em pesquisadores como: KATO (1985), KLEIMAN (1989), ALLIENDE e CONDEMARÍN (2005), SILVA (1987), ZILBERMAN (1991), dentre outros.

O trabalho compreende os seguintes itens: inicialmente, uma breve introdução sobre o trabalho; no segundo tópico, tratamos da leitura, de modo a relacioná-la com a criança e a escola, o trabalho do docente em sala de aula com vistas a desenvolver o gosto e o hábito de ler do aluno; no terceiro, foco principal do trabalho, relatamos e analisamos os fatos relacionados com o trabalho da professora em prática de análise com a leitura e alguns comentários; nas considerações finais, apresentamos os aspectos valorativos da experiência.

2. IDEIAS EMBASADORAS DA OBSERVAÇÃO

Aprendemos que a experiência da criança com a leitura deve começar antes mesmo de ela ir à escola, mas em casa com a família. No entanto, a escola torna-se fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e na formação do leitor, por isso, é importante que ele seja constantemente estimulado, incentivado desde as séries iniciais. É na escola onde geralmente as crianças conhecem textos e essa apresentação é tão necessária e importante que ler poderá tornar-se prática permanente em suas vidas.

Conforme apontam os estudiosos da leitura, essa prática ela constitui uma experiência prazerosa que ilumina mundos de conhecimento, proporciona sabedoria, permite conhecermos autores e personagens literários, partilharmos suas ideias, formamos nossas opiniões e fazemos reflexões críticas acerca desses assuntos.

Além disso, sua importância também está no desenvolvimento da criatividade, da imaginação e na aquisição de conhecimentos culturais e de valores, de modo que quando mais cedo se começa a ler, maiores são as chances de se tornar um leitor assíduo.

Nesses aspectos, na Educação Pré-escolar, o ponto de partida deve ser a linguagem oral, pois é com ela que a criança chega à escola. Segundo Robinson, Striland e Cullnan (1981), citados por Allende (2005, p.40) a linguagem oral “contém o sentido de que ela sabe e constitui as bases para as comparações que fazem entre linguagem oral e os símbolos gráficos na aprendizagem da leitura”.

No entanto, diante de um texto, estamos elaborando significados, pensamentos acerca dos símbolos escritos, daí lembrarmos a necessidade de se trabalhar também com textos impressos.

Muitas são as atividades que desenvolvem a expressão oral – como os brinquedos criativos, as experiências planejadas, o “mostrar e dizer”, as narrações, as encenações, as dramatizações, os fantoches, as reuniões e discussões, as canções infantis, os poemas, enfim -, mas elas não dispensam o trabalho com a linguagem escrita, com a qual a criança está se familiarizando gradativamente.

Nesse sentido, a escola busca compreender e desenvolver nas crianças a competência da leitura e poderá influenciar de maneira bastante significativa nesse processo, mas lembramos que um professor só poderá formar bons leitores, se ele próprio for um leitor competente. Conforme afirma Kleiman (2004, p. 13), a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio. O leitor utiliza na leitura o que ele sabe, o conhecimento ao longo da vida, ou seja, ninguém nasce leitor, isso é uma competência que se vai adquirindo ao longo do tempo.

Nas séries iniciais, a Literatura Infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma muito prazerosa e significativa. Portanto, enquanto professores, precisamos sempre estar atentos à forma de apresentar um texto, dar sequência à leitura, pois se não soubermos desenvolver bem essa prática, poderemos torná-la enfadonha e desinteressante para as crianças.

Como em toda atividade didática, na aula de leitura, o aluno deve ser motivado e atraído. Cabe, pois, ao professor planejar bem esse momento de prazer e aprendizado, tornando-o um momento de interação da turma, encontrando textos

criativos e, às vezes, ilustrados, trabalhando, por exemplo, com contos e histórias que mexam com o imaginário desse aluno.

Para estimular ainda mais o envolvimento do aluno com a leitura, a sala de aula deve contar com um ambiente físico agradável, carteiras confortáveis e, o mais importante, com uma variedade de textos que ofereçam amplas oportunidades para que as crianças possam se familiarizar com eles. Os textos utilizados devem ser, em sua maioria, literários, entretanto, deve-se também contar com outros gêneros textuais: catálogos, jornais, revistas em quadrinhos, charges, tirinhas cômicas, embalagens de produtos, enfim, a maior variedade possível que circunda o dia a dia dos alunos. Inserindo-se nesses vários tipos de Gêneros, os alunos saberão posteriormente utilizá-los, comentá-los com os colegas, além de estarem atualizados, atentos à percepção do mundo e ao domínio da linguagem.

A forma de familiarização da criança com a leitura vai desde o manejo do livro, do local em que é feita a distribuição dos mesmos, da organização das carteiras pela sala, como se vira cada página e, à medida que o adulto e/ou professor ler com clareza, entusiasmo e expressividade para a turma, proporciona um modelo de estímulo de leitura. “É importante lembrar ainda que, ao ler, a criança tem como estímulo palavras e frases significativas, pelo menos no contexto natural e de comunicação”. (KATO, 2007 p. 19)

Diante dessas análises, quando falamos em ler histórias e de abordar a leitura em sala, possuímos duas formas para colocá-las em prática: o ato de ler e o de narrar histórias.

Ao narrar histórias, a professora deve estar preparada com um repertório de contos, lendas e poemas bem enriquecidos, além de estabelecer uma comunicação visual com as crianças. Assim, na medida em que o adulto narra a história com graça e entonação, as crianças vão assimilando um bom modelo de expressão oral.

Já quando se leem as histórias para a turma, estabelece-se uma relação emotiva que permite que as crianças associem a leitura a um momento de comunicação bastante agradável, além da percepção de que as palavras escritas têm significado e da sua familiarização com os vocábulos usados no texto, aumentando seu vocabulário e ampliando seu conhecimento de estruturas gramaticais.

Na criança, a leitura revela um prazer singular, embora algumas delas tenham resistência a essa prática, por isso o professor deve fazer com que esses contatos

propiciem a descoberta de um novo mundo, motivando e estimulando constantemente esse futuro leitor para o hábito tão prazeroso e fundamental que é o da leitura.

O fato de “brincar de ler” é mágico, além de ser um dos primeiros contatos com a leitura, apesar da não decodificação das letras, mas é muito interessante apenas pelo fato da atenção sonora, da sequência do texto, da história em si.

Na leitura, prevalece a liberdade. Mesmo sabendo da apelação dos meios de comunicação audiovisual, o leitor tem liberdade de escolher o lugar, o tempo e a modalidade de leitura que queira e ache conveniente. Podendo ele escolher por si mesmo, de acordo com seus interesses e suas necessidades pessoais, seus textos para ler.

O leitor lê em seu próprio ritmo, adaptando sempre a velocidade aos propósitos que se apresentem. Se o material for interessante, fácil ou conhecido, pode lê-lo com mais rapidez, mas quando o material é complexo ou novo, esse ritmo desacelera.

Alliende e Condemarín (2005, p. 13) afirmam que “a leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para o manejo das outras fases do currículo”, enfatizando sua importância nos diversos âmbitos da aprendizagem.

3. RELATO DA OBSERVAÇÃO

Desde o início, o contato com a professora Juliane foi amigável. Primeiramente, conversamos um pouco sobre o objetivo da observação. Ela comentou falou um pouco sobre a turma e disse que formavam um total de dez crianças, entre oito e dez anos de idade.

Achei a quantidade de alunos e a faixa etária bastante positivos, pela possibilidade de uma maior interação da turma com o texto, apesar de, em minha opinião, a prática da leitura precisar ser feita desde muito cedo, de forma rotineira, formando um momento diário, prazeroso e educativo.

Na escola em que desenvolvi a atividade, o momento de leitura é realizado toda sexta feira e vinha sendo feito pela professora desde o começo do ano letivo, no espaço das aulas de português; já era um momento bastante esperado pelas

crianças. Algumas vezes, elas trazem livros de casa, como sugestão para a turma; outras vezes, os livros são trazidos pela professora, ou ainda são do próprio acervo da escola. São lidos contos, fábulas e até enfoques publicitários.

A professora informou a turma sobre a minha presença na aula de leitura. No momento em que me apresentei, as crianças ficaram bem desconfiadas, certamente pelo fato de ser uma pessoa desconhecida no ambiente escolar deles, mas em tempo, perderam a timidez e ficaram mais à vontade.

Na hora da leitura, a professora afastou as cadeiras para o fundo da sala e pediu que as crianças se sentassem no chão para que, assim, pudessem ouvir a história trazida pela professora: *O Soldadinho de Chumbo*. Trata-se de uma história adequada à idade das crianças e que, em alguns momentos, despertou muita atenção e até emoção em cada uma delas. Tem como personagens uma bailarina e um soldado. Notei facilmente que as crianças gostaram bastante, além de terem demonstrado muita curiosidade a fim de saberem o final.

A leitura da história prosseguiu em voz alta pela professora, com muita expressividade e mantendo preza da atenção dos alunos. Eles não participaram, apenas ouviram o que era lido pela docente; prestavam muita atenção em cada detalhe e fizeram silêncio. Após a leitura, a professora Juliane perguntou o que as crianças tinham achado da historinha da semana e todas afirmaram que haviam gostado muito.

Uma atividade que achei muito interessante foi que, após os comentários sobre leitura, e satisfeitas as curiosidade dos alunos, a professora distribuiu folhas de papel sulfite branco e pediram que as crianças fizessem um desenho sobre a história lida, sobre uma personagem que lhe chamou atenção, um momento, ou algo que eles tivessem achado mais interessante. Enfim, ficou a critério das crianças escolherem o seu desenho.

Concluídos os desenhos, foram apresentadas figuras interessantes e muito criativas. Vários detalhes presentes no texto foram reproduzidos muito bem nos desenhos, mostrando, assim, que as crianças mantiveram muita atenção à atividade, inclusive aos pequenos detalhes da história.

Essa prática interdisciplinar conduz o aluno a uma visão ampla de textos. A partir dessa habilidade, eles podem interagir ativa e satisfatoriamente com o meio que os cerca, satisfazendo a necessidade de uma prática de leitura bastante significativa, a qual motiva as crianças à realização de leituras futuras e que contribui

para a formação de pessoas conscientes e criativas, que sabem, por exemplo, compreender bem um texto quando lhe é apresentado.

A partir de uma prática como essa, a criança vai se adaptando e criando gosto pela leitura, o que fará do hábito de ler, praticamente uma diversão para ela.

No entanto, o fato de as crianças não terem acesso ao texto e se limitarem apenas a ouvir a leitura feita pela professora pode parecer uma falha porque, provavelmente, se tivessem o texto em mãos, observariam a escrita, o vocabulário, e, se participassem oralmente, teriam menos inibição, além de treinarem sua oralidade, para ler para a turma, ou até mesmo para outros grupos de pessoas.

Por outro lado, a professora, agindo assim, provavelmente estaria desenvolvendo a escuta da turma, o que também é de extrema importância para a prática da atividade oral. Daí ser a escola, segundo Ezequiel (1999, p. 64) “uma instituição formal que objetiva a aprendizagem não só de falar e ouvir, mas principalmente de ler e escrever”.

Em um segundo momento de observação, analisei novamente desde o método pedagógico utilizado, à forma de organização da classe, à expressão da docente, até o texto lido e explorado pela turma.

Desta vez, a professora estava à espera dos alunos, os quais foram chegando aos poucos e já passaram a me cumprimentar.

Para o momento de leitura dessa semana, o texto escolhido foi *O Cravo e a Rosa*, texto bastante bonito e apropriado para ser trabalhado na Educação Infantil e nas fases iniciais do Ensino Fundamental, apesar de ser antigo e popular.

Esse texto encontra-se no livro didático dos alunos, o livro TIC-TAC, da autora Vilza Carla. Já o havia olhado antes; trata-se de uma obra bem ilustrada e que traz consigo muitos textos interessantes.

Primeiramente, a professora pensou na organização da sala; afastou as carteiras e fez um círculo na sala, que, apesar de pequena foi suficiente para acomodar todos. Na sequência, avisou que a leitura daquele dia seria feita a partir do próprio livro didático deles. Informou-os, na lousa, o nome do texto e a página onde ele estava, pedindo que eles encontrassem o texto na referida página.

Assim eles fizeram. Todos estavam muito empolgados para ouvir a historinha da semana. Logo trataram de encontrar o texto no livro e se prepararam para a leitura.

A leitura, mais uma vez, foi feita pela professora, sempre em voz alta e com bastante desenvoltura. Ao término, ela pediu que as crianças observassem atentamente as gravuras e passou a questioná-las acerca das seguintes perguntas: Na sua casa tem rosas ou cravos?; Você tem plantas em sua casa?; Por que você acha que o cravo brigou com rosa?.

Cada um respondeu do seu jeito. Uns disseram que em suas casas havia roseiras, outros não; já outros disseram que só havia roseiras na casa de seus avós.

As crianças responderam gostar bastante de plantas e suas mães também, e ainda que devemos cuidá-las com muito carinho, pois elas são vivas e servem para deixar os ambientes e jardins ainda mais bonitos e enfeitados.

Após as perguntas, a professora perguntou quem gosta de cantar. Todos afirmaram que gostavam e, em seguida, todos cantaram a música a partir do texto *O Cravo e a Rosa*, juntamente com a professora.

Com essa metodologia, a professora encontrou uma maneira positiva de levar seus alunos a serem mais desinibidos, cantando e sendo, desde cedo, crianças descontraídas. O ato de cantar também é uma ótima maneira para uma melhor fixação da história na memória das crianças.

As crianças interagiram bastante e demonstraram muito gosto por esse texto, bem mais do que pelo anterior, talvez por esse apresentar uma linguagem mais simples e ter sido, além de lido, cantado. Afinal, um ponto que chamou a atenção deles foi a linguagem, que trouxe consigo palavras do dia a dia e de fácil entendimento e interpretação.

Depois que as perguntas orais foram feitas à turma, a professora pediu ajuda às crianças para que alinhasssem as cadeiras e, em seguida, iniciou um estudo do texto com perguntas escritas no quadro para que as crianças copiassem e respondessem de acordo com o texto que foi lido e cantado.

As perguntas foram as seguintes: Quem saiu ferido?; Quem brigou com a rosa?; Quem saiu despedaçada?; Quem ficou doente?; Quem foi visitar?; Quem teve um desmaio?; Quem começou a chorar?.

Essa aula de leitura foi bem mais participativa do que a anterior, talvez até pelo fato de as crianças, dessa vez, terem tido acesso ao texto escrito, à visualização das palavras, o que não aconteceu na atividade com o texto lido anteriormente.

Kleiman (2004) afirma que aprendemos as palavras constantemente, quase todos os dias, aos poucos, sem grandes dificuldades, porque quando ouvimos uma nova palavra, ela quase sempre está rodeada de outras que já conhecemos. Essas palavras formam o contexto. Cada vez que encontramos a mesma palavra em um novo contexto, rodeada por outras, esse contexto nos ajuda a defini-la um pouco melhor. A leitura é um dos melhores meios para compreender, aos poucos, as palavras. A cada novo encontro, os sentidos das palavras vão ficando mais claros. A leitura tem mesmo esse poder. Depois de estarmos acostumados a ler, temos muito mais facilidade de entender um contexto. As palavras passam a ter sentido entre elas, fazendo com que o texto passe a ser interpretado.

Apesar de as questões formuladas a partir do texto O Cravo e a Rosa, terem sido bastante simples e diretas, o texto foi cantado pela turma, o que despertou a desenvoltura dos alunos, tirando-lhes a timidez e fixando melhor as ideias que se tentou passar através do texto com essa atividade lúdica. Alguns alunos comentaram que seus avós já haviam lhes contado essa história e que a achavam triste, pois, no final, um personagem sai ferido e outro despedaçado, e que a rosa ficou chorando. Esse sentimento de tristeza mostra bem o grau de envolvimento emocional do leitor com o texto.

Consolo (2008) afirma que o papel da oralidade é fundamental nas relações humanas e pedagógicas em sala de aula, como um veículo de socialização profissional e pessoal, seja na língua materna ou no dia a dia. Esse autor ainda considera que o contato com a leitura e com a oralidade tem um papel fundamental para a socialização desde a língua materna. Portanto, é gratificante para um professor ver o interesse e a interpretação de seus alunos e é ainda mais gratificante sentir que os alunos gostaram do que foi passado e construído em sala de aula.

Fica, dessa maneira, evidente que para envolver os alunos, nós professores devemos sempre buscar estratégias destinadas a assegurar a competência da leitura e usar a competência pedagógica, sabendo da especificidade de cada turma.

Em um terceiro momento de observação, voltei a analisar o comportamento, a metodologia e o modo como a leitura em sala de aula prosseguiu, além de ver como foi explorado o novo texto trabalhado com a turma.

Para a leitura dessa semana, não foi necessário organizar as carteiras em círculo. A professora avisou que os alunos podiam ficar nas filas mesmo, acomodados em suas próprias carteiras.

Mais uma vez, o texto usado estava presente no material didático dos alunos. Era um texto bastante simples de interpretar, gostoso de ler e bem pequeno. Abaixo do texto, havia uma ilustração de um lobo, animal relacionado ao título do texto: “*O Lobo Bobo*”.

Na mesma página em que estava o texto, observei algo bastante interessante: um box que trazia informações para o leitor, juntamente a uma curiosidade que consistia na apresentação do coletivo de lobo, que se chama *alcateia*, possibilitando, assim, uma maior amplitude vocabular ao aluno, mesmo ele fazendo parte das séries iniciais, usando estímulos, gravuras, enfim, algo que chama a atenção das crianças, a fim de que elas não apenas gostem de executar a leitura, mas também passem a analisar e aprender o aspecto gramatical que o texto oferece.

Depois que todos se acomodaram e abriram o livro na página indicada, encontrando o texto, a professora pediu para que algum aluno fizesse a leitura oral para todos da turma; a leitura podia ser feita da carteira mesmo. Logo um dos alunos se ofereceu para proceder a leitura. A aluna Joane leu todo o texto, como também o box que se encontrava acima dele. O texto era pequeno, de apenas sete linhas. A aluna o leu com bastante desenvoltura, mostrando domínio da oralidade e da escrita, o que comprova que o que está sendo construído em sala de aula diariamente está sendo eficazmente assimilado.

A esse respeito, é necessário entendermos que o alunado precisa estar se sentir íntimo do texto, gostar das palavras, explorando a leitura desde a escola, até em suas atividades diárias em casa.

Nesse contexto, o professor deve ser um grande incentivador, afinal, se somos professores, temos o papel de exercer esse papel importante na vida dos alunos.

Incentivados pela professora, os alunos comentaram sobre o texto, falaram sobre a ilustração – o lobo – e disseram não gostar de lobos. Para eles, todos os lobos são maus, fazem maldades e assustam muito, visto que até nos desenhos animados e nas histórias infantis e até no próprio texto do livro, o lobo é o perverso da história.

Na sequência, a professora pediu que respondessem a interpretação textual encontrada no próprio material, localizado na página seguinte do livro. Entre as questões, encontramos: *Você sabe onde vivem os lobos?; Você já ouviu histórias*

delobo mau antes?; Será que os lobos da história são reais?; Você teria medo de ver um lobo de perto?.

As demais questões eram de múltipla escolha e também sobre algumas gravuras. Após responderem cada uma das questões, cada um foi participando da aula, falando suas respostas, muitas delas pessoais.

De maneira geral, essa aula foi uma das melhores observadas, pela escolha do texto: um texto não enfadonho, do qual as crianças gostaram muito e de fácil entendimento e interpretação.

As crianças responderam as questões com facilidade, já que algumas eram pessoais. Isso foi bom, pois cada uma pôde dar sua opinião, expor suas ideias e mostrar o que sabia sobre o assunto, sem que nenhuma resposta ficasse igual a do colega. Isso vem assegurar o que diz Fulgêncio e Liberato (2001, p.103) sobre a maneira de o professor trabalhar o texto:

Mais importante do que a forma de um texto, pode ser a utilização que dele faz o professor. Um texto bem compreendido pode ser discutido em sala de aula de maneira a levar o aluno a emitir sua opinião e criar, assim, o espírito crítico para leituras futuras. Por outro lado, o professor que se limita a exigir que o aluno reproduza o conteúdo de textos ou de exposições orais – e que, lamentavelmente, parece representar a maioria dos professores – cria e alimenta o tabu da “ciência verdade”; o que o cientista autoridade escreveu não deve ser questionado. É, pois, importante alcançar o estágio crítico da leitura.

Diante disso, penso que a professora perdeu uma ótima oportunidade de ampliar os conhecimentos dos alunos sobre animais, trabalhando o texto de forma interdisciplinar, uma vez que o mesmo trata do lobo, animal tão conhecido da turma. Assim como poderia ter usado o texto para trabalhar questões gramaticais, acerca do significado da palavra alcateia, coletivo apresentado, por exemplo, e de outros coletivos também próximos da vivência dos alunos.

Em relação aos trabalhos analisados com os textos, ainda pode-se destacar a falta de discussões prévias às leituras. A professora poderia trabalhar um pouco mais acerca das previsões das crianças com relação ao texto, uma vez que fazer previsões faz parte de nossas vidas. Isso seria também uma forma de aumentar a expectativa natural das crianças e, ao término da leitura, de elas verem suas previsões confirmadas ou não. Através dessa prática, a professora, na verificação prévia dos conhecimentos das crianças, poderia perceber a ausência desse

conhecimento em determinado assunto, o que seria por ela sanado, evitando possíveis dificuldades no entendimento e interpretação dos textos.

Na idade das crianças observadas, não há, ainda, a formação de uma consciência crítica; o seu pensamento está voltado para o mundo em sua volta, mas as soluções ainda são fantasiosas. O trabalho na forma como foi desenvolvido vai torná-las mais fluentes no falar e mais aptas a interpretar diversos textos. Entretanto, é preciso que cresçam um pouco mais, atingindo, por exemplo, os onze anos, para que o professor trabalhe questionando as normas, o que é convencional; tente desenvolver o espírito de observação e busque novas soluções, conforme nos aponta Aguiar (1991), para ajudar a formar a consciência crítica do educando.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho percorrido na observação das três aulas relatadas nos confirma que é realmente gratificante ensinar a crianças, que a atividade de ensino de leitura pode ser interessante e que é possível torná-la prazerosa, pois pudemos constatar o modo de interação das crianças com o texto.

Podemos, dessa forma, confirmar a experiência e a competência da professora Juliane diante do trabalho com a leitura, desde a seleção dos textos, que precisam ser curtos, relacionados ao universo infantil e com linguagem simples, até a apresentação dos mesmos, da leitura oral feita por ela e pela aluna que participou, fazendo com que todas as crianças interagissem com o texto, emitissem opiniões e fizessem as atividades solicitadas, em um clima realmente participativo e prazeroso.

Além disso, cabe-nos reportar à forma de como a professora cuidou do aspecto disciplinar: de modo sereno, mas firme; imprimindo fielmente a ordem necessária à realização da atividade, tais como: sentar no chão, ficar em silêncio para ouvir a leitura, organizar as cadeiras, copiar, responder, etc.

Nesses aspectos, os pequenos comentários que foram feitos apresentados acerca dos trabalhos desenvolvidos pela professora não desmerecem em momento algum o seu trabalho, mas são apenas sinais de quem sorvendo da experiência, encontrando-se fora do contexto escolar e à distância, pode enxergar um pouco mais.

Dessa maneira, de todas as observações feitas, saí pessoalmente revigorada, com mais ideias para as minhas futuras atuações, enquanto docente, na etapa de ensino analisada na qual tanto almejo atuar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: Zilberman, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ALLIENDE, Felipe e CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura, Teoria, alfabetização e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

CONSOLO, D. A. **Parâmetros para avaliação em contextos brasileiros. Projeto e Pesquisa**. Triênio, março 2008. São José do Rio Preto, SP: Unesp, 2008.

FULGÊNCIO, Lúcia e LIBERATO, Yara. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: Perspectivas Psicolinguísticas**. São Paulo: Ática, 1986.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Ezequiel T da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 1998.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na Escola: as alternativas do professor**. 10 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.